

Agora que Estamos Saindo do Iraque, o que Aprendemos?

Coronel Craig A. Collier, Exército dos EUA

EM 19 AGO 10, a última Unidade de combate (4ª Brigada *Stryker* da 2ª Divisão de Infantaria) deixou o Iraque, quando a Operação *Iraqi Freedom* deu lugar à Operação *New Dawn*. Nosso efetivo já está abaixo de 50 mil no país. É cedo demais para dizer que *vencemos*, mas estamos saindo de um Iraque que “não é perfeito, mas bom o suficiente para o deixarmos”, como observou recentemente Ernesto Londoño, correspondente-chefe do *Washington Post* no Iraque¹.

Essa é uma mudança notável em relação à situação de apenas alguns anos atrás. Contudo, não entendemos com clareza o que fizemos para conseguir arrancar uma vitória potencial das garras da derrota. A crença geral é que nós prevalecemos em função da escalada de tropas estadunidenses ocorrida entre 2007 e 2008 e da agressiva reorientação das operações táticas para uma efetiva doutrina de contrainsurgência (COIN). Os princípios de COIN incluíam transferir o foco das operações de eliminação ou captura de insurgentes para a proteção da população, com generoso financiamento de projetos de desenvolvimento econômico e serviços essenciais.

O efetivo adicional da escalada de tropas e a inclusão de pequenos postos avançados de combate junto à população foram essenciais para o nosso êxito. A Operação *Awakening*, em 2006, removeu um grande número de insurgentes sunitas. O estabelecimento de parcerias com as Forças de Segurança do Iraque e com a milícia “Filhos do Iraque” também foi eficaz. Entretanto, os efeitos não letais de nossas ações foram bem menos importantes do que geralmente se afirma. Isso se aplica especialmente aos bilhões de dólares que gastamos em projetos e serviços.

O requisito mais importante na proteção da população foi a remoção dos criminosos e dos insurgentes que estavam causando os problemas. E o modo mais efetivo para isso foi mediante operações de combate destinadas a eliminá-los ou a capturá-los. Para defender o povo iraquiano, construímos milhares de barreiras e taludes para separar os insurgentes da população. “Boas cercas fazem bons vizinhos”, indicou um comandante de batalhão². Nós conduzimos operações letais implacáveis contra o inimigo insurgente. Durante algum tempo, sofremos um aumento no índice de baixas, como o preço pela eliminação de um número bem maior de insurgentes. As Forças de Segurança do Iraque gradualmente se tornaram mais profissionais, não tão boas quanto nós, mas boas o suficiente para enfrentar seu inimigo. Incentivos econômicos foram úteis para reforçar o sucesso, mas não antes de derrotarmos os insurgentes. Nossa experiência no Iraque comprovou que as operações letais continuam sendo o elemento decisivo do poder de combate.

Desde a publicação do Manual de Campanha 3-24 — *Contrainsurgência (FM 3-24 — Counterinsurgency)*, em 2006, publicações militares oficiais e não oficiais estão repletas de artigos que enaltecem as virtudes das operações não letais — as “linhas de esforço” (*lines of effort*) [Segundo o Manual de Campanha 3-0 dos EUA, linha que liga as diversas tarefas e missões utilizando a lógica do propósito — causa e efeito — para concentrar os esforços no sentido de estabelecer condições operacionais e estratégicas — N. do T.] de governança, desenvolvimento econômico, serviços essenciais, reconciliação, e assim por diante. Muitos entusiastas da COIN

O Coronel Craig A. Collier, Exército dos EUA, é o Assistente Militar para Sistemas de Combate Terrestre do Exército da Diretoria de Teste e Avaliação Operacional, no Gabinete do Secretário de Defesa, Pentágono. Serviu em duas missões no Iraque, primeiro como Subcomandante da 3ª Brigada,

101ª Divisão de Infantaria, entre 2005 e 2006, e depois como Comandante do 3º Batalhão, 89º Regimento de Cavalaria, 4ª Brigada, 10ª Divisão de Montanha, entre 2007 e 2008. É bacharel pela Academia Militar dos EUA e mestre pela Golden Gate University, São Francisco.



Militares embarcam em um C-17 Globemaster III para retornar aos Estados Unidos em 17 Nov 09, na Base de Balad, Iraque. Os C-17 podem transportar até 77 toneladas e operar em pequenos campos de pouso. Essas aeronaves pertencem à 437ª Ala de Transporte Aéreo, na Base Aérea de Charleston, Carolina do Sul.

defenderam o foco no desenvolvimento econômico de forma exagerada, em detrimento das operações de combate: mais Greg Mortenson e menos Curtis LeMay. Rapidamente, a necessidade legítima de considerar outras linhas de esforço transformou-se em primazia das operações não letais. A ênfase em COIN transformou uma filosofia popular em uma ortodoxia reinante, praticamente míope. A competência de um comandante de campanha passou a ser medida pela percepção de sua perícia nos aspectos não letais de COIN, e não pela sua efetividade em reduzir a violência em sua área de operações. Os oficiais que não demonstrassem suficiente entusiasmo pelas operações não letais eram geralmente desconsiderados porque não “entendiam” de operações de COIN.

Parece que estamos relutantes em admitir que eliminar o inimigo, na verdade, funcionou. O autor Bing West, um analista frequentemente incorporado a Unidades no Iraque, percebeu essa relutância e sugeriu uma explicação. Na edição de Mar-Abr 2009 da *Military Review*, afirmou:

As teorias propostas no Manual de Campanha 3-24 — *Contra-insurgência (FM 3-24 — Counterinsurgency)* convenceram a grande mídia que a vindoura campanha

(de escalada de tropas) do General Petraeus em Bagdá era justificada. O Manual de Campanha agradou os liberais porque propunha o conceito da guerra sem sangue. Os inimigos eram convertidos, em vez de serem eliminados. Foi o único Manual de Campanha a receber uma resenha crítica no jornal *New York Times*, escrita por um professor de Harvard³.

Contudo, o Manual 3-24 não restringiu as operações letais. Ao contrário, ampliou os horizontes do Exército ao explicar que outras estratégias potencialmente eficazes, tanto letais quanto não letais, estavam disponíveis para derrotar uma insurgência. Um comandante ficava livre para escolher entre um amplo leque de alternativas para obter o êxito na área que lhe fora designada. As operações letais continuavam sendo uma opção.

Projetos e Serviços Superestimados

No verão de 2008, meu intérprete jordaniano-americano me contou que, alguns anos antes, a Unidade estadunidense em que servia havia despendido mais de US\$ 6 milhões na construção

de instalações para o grêmio estudantil da Universidade Mustansyriah, em Bagdá. Ele havia servido em várias Unidades norte-americanas ao longo de cinco anos e conhecia a história recente da área melhor do que qualquer pessoa no regimento. Perguntei-lhe o que os EUA haviam obtido com o investimento. Sem hesitar, ele respondeu: “IEDs” (dispositivos explosivos improvisados).

Esse intérprete havia testemunhado de perto, ao longo do tempo, as nossas iniciativas de desenvolvimento econômico. Assim como outros com longa experiência de trabalho com os norte-americanos, ele admirava nossos esforços, mas lamentava que fôssemos tão ingênuos quando se tratava de gastar dinheiro no Iraque. Ele ficou particularmente horrorizado com as centenas de milhões de dólares gastos na favela Cidade Sadr, em Bagdá. Explicou que a violência não havia diminuído e que as milícias acabaram levando tanto o dinheiro quanto o mérito pela execução dos projetos.

Só porque, por exemplo, fornecemos um microgerador de energia a uma comunidade desfavorecida, divulgando sua inauguração em um jornal local, não quer dizer que o projeto tenha sido eficaz. Significa apenas que gastamos uma elevada quantia, que concluímos um projeto e que isso talvez nos tenha feito sentir bem. Como observou outro comandante de

batalhão: “Por duzentos mil, você consegue um telhado e o serviço de pintura para uma escola e algumas fotos na revista *Star and Stripes*”⁴. A violência diminuiu por isso? Recebemos mais informações ou um envolvimento maior do governo local? Oferecemos mais empregos para a população local? O gerador ainda estava funcionando uma semana ou um mês depois? Esses seriam indicadores bem melhores da efetividade de um projeto. Os únicos indicadores monitorados, porém, eram o montante gasto e o número de projetos concluídos. Esses dados estatísticos davam a ilusão de progresso. A crença geral sobre a primazia dos aspectos não letais se baseia em um elemento de verdade: a conexão intuitiva entre a conclusão de projetos e a diminuição da violência. O problema é que aceitamos a teoria sem analisarmos os resultados que estão bem à nossa frente.

Em geral, quanto mais afastado se está da execução de tais projetos e serviços, maior o entusiasmo que se tem pelo esforço. Isso explica, em grande parte, a ânsia que muitos intelectuais de grupos de pesquisa externos ao Exército, e até mesmo alguns oficiais superiores dentro dele, sentem por esse aspecto da doutrina de COIN. Eles raramente — ou nunca — se depararam com a frustração vivida por aqueles de nós que executamos essa linha de esforço. De fato, logo depois que chegamos ao Iraque, o oficial do estado-maior do regimento que era o responsável pela coordenação dos nossos projetos e pelos microfinanciamentos acreditava firmemente no valor desse esforço. Entretanto, já na metade do período de 13 meses da permanência do nosso contingente, ele estava totalmente decepcionado com a forma pela qual estávamos desperdiçando dinheiro e energia em projetos inúteis.

Com frequência, o sentimento durante a inauguração de um projeto não era de satisfação por ter feito algo proveitoso para os iraquianos, mas de frustração com a exploração dos empreiteiros. Apesar das inspeções durante a obra, efetuadas muitas vezes por outros iraquianos avaliados por nós, a qualidade da maioria dos projetos ficava aquém das expectativas. Ouvimos repetidas vezes que os empreiteiros iraquianos tiravam proveito da falta de supervisão para embolsar maiores lucros.



Cortesia do autor

Norte-americanos e iraquianos patrulham a área do mercado de Shorja, em Bagdá – o maior do Iraque –, local que vinha sendo alvo de atentados, até que melhorias na segurança o tornassem um lugar seguro.



Cortesia do autor

O autor e seu intérprete conversam com “xeques” locais no leste de Bagdá, durante a inauguração de um microgerador de energia, verão de 2008.

Nossos intérpretes, nossos informantes, nossos homólogos na Força de Segurança e no governo do Iraque e nossos próprios oficiais de Inteligência nos disseram que nossas verbas para projetos estavam financiando a insurgência. A questão não era se isso estava acontecendo, mas quanto do nosso dinheiro ia parar nas mãos dos insurgentes.

Ocasionalmente, podíamos ver isso ocorrendo em primeira mão. Durante uma missão perto de Samarra, na primavera de 2006, um soldado iraquiano entregou aos seus parceiros norte-americanos um maço de notas de cem dólares e apontou para um insurgente capturado, preso em uma área de detenção provisória. O insurgente lhe havia dado a propina em troca da liberdade. Com base nos números de série das notas (US\$ 10 mil ainda embalados), determinamos que a origem era o centro de operações civis-militares de uma Unidade vizinha. Ao que parece, a Unidade havia dado o dinheiro para um empreiteiro iraquiano por algum projeto ou serviço.

Os entusiastas dos aspectos não letais da ortodoxia de COIN alegam que, mesmo que tenham sucesso, as operações de combate só produzem uma diminuição temporária da

violência. Afirmam que os projetos e serviços oferecem mais benefícios de longo prazo. Há dois problemas com essa alegação. Primeiro, não existe uma prova concreta de que isso seja verdade, a não ser por relatos informais e por alguns resultados de enquetes. Segundo, a alegação se baseia na premissa de que o Iraque tem um suprimento inesgotável de inimigos potenciais, aguardando para serem recrutados por insurgentes abastados.

Segundo a minha experiência, esse suprimento inesgotável de inimigos potenciais não existe. Embora poucos iraquianos desejassem nossa presença, apenas uma pequena minoria estava disposta a nos atacar a qualquer preço. Mesmo que houvesse uma quantidade ilimitada de insurgentes em potencial, a remoção de um pequeno número de recrutadores era bem mais efetiva do que tentar eliminar o grupo bem maior de possíveis recrutas.

Missões Letais Efetivas

As operações de combate são retratadas da pior forma possível, muitas vezes, com imagens de inocentes mortos, propriedades danificadas e homens em idade militar detidos. No entanto, as operações de combate que executamos até 2006 foram, na sua maioria, missões “light”.



Uma equipe de transição militar assessora um oficial da Polícia Nacional do Iraque durante uma missão liderada pelos iraquianos no leste de Bagdá, 2008.

Só conduzíamos operações “linha dura” quando tínhamos informações especialmente boas ou válidas por um breve período apenas sobre a localização de insurgentes conhecidos e perigosos. Embora a execução de operações de combate acarretasse algum risco, a recompensa — capturar ou eliminar um insurgente — valia a possibilidade de gerar antagonismo na população. Geralmente, a diminuição da violência era profunda e permanente depois que removíamos um criminoso da vizinhança que ele vinha aterrorizando.

A maioria esmagadora das missões que conduzimos era não letal: patrulhamento em mercados, visitas a possíveis locais de projetos, etc. Muitos comandantes obediamente conduziram operações não letais, embora muitas vezes preferissem executar missões letais. Eliminar ou capturar insurgentes de forma constante e mensurável tinha um impacto mais positivo do que qualquer outra coisa que fizéssemos.

Alguns exemplos são enumerados a seguir. Em maio de 2008, um grupo de insurgentes emboscou um de nossos pelotões durante uma missão logo a leste de Cidade Sadr. Nossos soldados reagiram, solicitaram o reforço de outros pelotões e perseguiram os insurgentes através de vários bairros. Nós os encurralamos em uma casa, que destruímos com a ajuda de helicópteros armados *Apache*. De 15 a 20 insurgentes

foram mortos no tiroteio. Depois, o proprietário da casa destruída abordou o Comandante da Unidade e lhe agradeceu por ele ter eliminado a gangue que vinha aterrorizando a comunidade havia meses. Logo depois desse evento e de outras operações letais bem-sucedidas na área, líderes comunitários locais nos perguntaram sobre como obter assistência. Como a gangue da vizinhança havia sido removida, eles sentiram segurança para entrar em contato conosco e com o governo do Iraque, algo

que nunca haviam feito antes.

Em julho de 2008, a equipe de caçadores do regimento atingiu um insurgente que instalava um IED no centro de Bagdá. Ele correspondia à descrição de um fabricante de bombas que vínhamos tentando localizar, que construía e instalava seus próprios dispositivos explosivos. Devido aos enfrentamentos ocorridos, ele havia se tornado o último membro da sua célula. Depois de sua remoção, nunca mais vimos evidências daquela técnica particular de explosivos de beira de estrada.

Há muitos outros exemplos da efetividade de operações letais e da ineficácia de se concentrar no desenvolvimento econômico. A teoria de que o investimento de verbas de desenvolvimento econômico em uma área irá efetivamente extinguir a fonte de insurgentes continua a carecer de comprovação empírica.

O melhor indicador do êxito de uma operação normalmente vinha dos próprios iraquianos. Os empresários, em sua maioria, atribuíam o aumento nas vendas e nos lucros à maior segurança. Os iraquianos, muitas vezes, expressaram sua gratidão a nós e às Forças de Segurança do Iraque por termos removido criminosos de seu meio. Os habitantes da área raramente chamavam os maus elementos de “insurgentes”. “Gângster” era o termo preferido, e era uma descrição precisa do tipo de adversário que enfrentávamos.

A melhor forma de entender boa parte da violência no Iraque seria pelo prisma de um chefe da máfia. Tratava-se principalmente de dinheiro, influência e poder. Os inimigos eram insurgentes quando isso lhes convinha: quando a remuneração era melhor e a recompensa valia o risco. Eles quase sempre se recusavam a resistir e a lutar, preferindo atacar-nos com explosivos de beira de estrada ou, ocasionalmente, com caçadores. Não seriam dissuadidos de seu estilo de vida com ofertas de assistência econômica. Só estavam interessados em nossos projetos e serviços em virtude do dinheiro que extorquiam dos empreiteiros. Como saturamos o Iraque com verbas para o desenvolvimento econômico com pouca supervisão, proporcionamos um ambiente lucrativo para a corrupção e para a extorsão.

Enquanto não eliminamos os insurgentes que estavam causando a maioria dos problemas, o êxito em outras linhas de esforço foi limitado. Como afirmou outro antigo e bem-sucedido comandante de brigada, é preciso extirpar o câncer e não apenas tratar os sintomas. Um uso mais efetivo dos US\$ 9 milhões gastos pelo 3-89 Regimento de Cavalaria em projetos e microfinanciamentos teria sido empregar metade do dinheiro para treinar e equipar outro grupo de caçadores. O valor que gastássemos em projetos e a quantidade de chá que tomássemos com líderes locais seriam irrelevantes, enquanto a implacável gangue do bairro permanecesse à solta.

Sofremos a maioria das baixas em estradas iraquianas. Não importava se os soldados iam fiscalizar um projeto ou invadir um esconderijo de insurgentes. Na verdade, as operações de combate eram mais seguras, comparativamente. Os soldados passavam boa parte do tempo — e corriam riscos consideráveis — cumprindo missões não letais. Seria interessante saber se o risco e a despesa valeram o esforço.

O Exército se orgulha de suas autoanálises e de sua capacidade de se adaptar rapidamente. Praticamente todos os oficiais no Exército assistiram a uma análise pós-ação (APA) brutalmente franca em um de nossos Centros de Adestramento para o Combate. O valor do aprendizado depois de cada missão é parte tão integrante da cultura do Exército que

rotineiramente conduzimos uma APA depois de missões reais durante o desdobramento. É por isso que é tão decepcionante que esteja faltando esse tipo de APA em relação às nossas iniciativas de desenvolvimento econômico no Iraque.

Não sabemos que parcela da nossa assistência de desenvolvimento econômico foi efetiva e quanto se perdeu para a corrupção, ou quanto financiou a insurgência. Poderíamos ter gastado bem menos dinheiro em projetos e em serviços essenciais, porque a remoção de insurgentes e criminosos do ambiente levou, *por si só*, a melhorias drásticas na segurança e no desenvolvimento econômico. Independentemente da atual popularidade da abordagem não letal, precisamos estar dispostos a examinar detalhadamente a possibilidade de que uma parcela considerável da quantia que dependemos no Iraque tenha acabado nas mãos de insurgentes. Talvez os bilhões de dólares que gastamos no desenvolvimento econômico naquele país tenham sido, em última análise, contraproducentes. Foram seguramente bem menos importantes para o nosso sucesso do que o redirecionamento do foco para a eliminação e a captura do inimigo, em 2007-2008.

Já está mais do que na hora de uma APA estratégica que identifique o que de fato funcionou no Iraque. O discurso dominante é que um esforço holístico, com ênfase em efeitos não letais, levou ao nosso sucesso temporário. O desenvolvimento econômico pode ter desempenhado seu papel, mas nossa letalidade foi o fator mais importante.

Em última análise, o desgaste importa. Não devemos nos envergonhar de que operações de combate tradicionais tenham funcionado no Iraque. Afinal, envidamos grandes esforços para assegurar que nossos soldados sejam os mais letais no planeta. **MR**

REFERÊNCIAS

1. LONDOÑO, Ernesto. "Was the Iraq War Worth It? A Divided City Tries to Answer", *The Washington Post*, 15 Nov 2009.
2. Conversa pessoal do autor com Ten Cel Tim Watson, Comandante do 2º/4º Btl Inf, 2008.
3. WEST, Bing. "Counterinsurgency Lessons from Iraq", *Military Review* (Mar-Abr 2009): p. 2.
4. E-mail pessoal do Ten Cel Dan Barnett, Comandante do 1º/2º Btl Inf (Stryker) (1 Set 2009).